

O LIVRO DIDÁTICO PELOS PROFESSORES: SEU USO E RELEVÂNCIA NAS AULAS DE SOCIOLOGIA EM PORTO ALEGRE

Daniel Gustavo Mocelin¹

INTRODUÇÃO

Os livros didáticos estão entre os mais importantes produtos educacionais que compõem o processo de legitimação científico-pedagógica de uma área de ensino, fornecendo uma linguagem disciplinar, o mapeamento de conteúdos e estratégias de avaliação. Não por acaso, são compreendidos como artefatos culturais que revelam as práticas escolares (HANDFAS, 2016) e instrumentos de aprendizagem formal (MELO, 2017) que ilustram concepções pedagógicas capazes de configurar uma disciplina escolar (MUNAKATA, 2012; MAÇAIRA, 2020). Presente na avaliação do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) em 2012, 2015 e 2018, a Sociologia tem uma boa e qualificada oferta de opções desse recurso pedagógico, que foram criados com base a cumprir as orientações curriculares definidas para a área (MORAES, 2020). Os livros didáticos de Sociologia são produtos seminais no repertório da produção inerente ao campo da Sociologia escolar (MOCELIN, 2020), uma vez que ilustram concepções, diretrizes, práticas e experiências acumuladas de ensino, além de serem importantes instrumentos para a escolarização dos discentes e a formação de docentes.

1 Daniel Gustavo Mocelin é Professor do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Doutor em Sociologia e líder do Laboratório Virtual e Interativo de Ensino de Ciências Sociais (LAVIECS, DGPB-CNPq), Porto Alegre – RS, contato: daniel.mocelin@ufrgs.br.

Nas Ciências Sociais, o uso do livro didático em situação escolar tende a assumir papel ainda mais importante que em outras áreas, considerando a presença recente da disciplina de Sociologia no currículo do ensino médio, que, em grande parte, ainda é ministrada por professores que não possuem formação específica. Porém, esse não pode ser considerado por si só um fator decisivo sobre sua importância na escola. O livro didático é mais um dos recursos de ensino disponíveis, produzido para demarcar o conteúdo a ser ensinado e qualificar o processo de ensino. Portanto, existem justas expectativas por sua escolha, adoção e uso pelos professores, sobretudo junto aos alunos, em aulas. Nesses termos, a frequência do seu uso pelos educandos e a forma como é manipulado e aplicado na escola podem ser consideradas como indicadores promissores sobre a relevância pedagógica que esse recurso assume no exercício da prática de ensino de professores e no debate sobre a especificidade da disciplina entre os componentes curriculares do ensino médio. Contudo, o uso do livro didático de Sociologia pelos professores nem sempre ocorre com a mesma frequência, nem da mesma forma, tão pouco ocupa o mesmo destaque pedagógico, no planejamento das atividades de ensino.

O estudo em questão propôs analisar a relevância pedagógica que os livros didáticos de Sociologia assumem no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem executado por professores que ministram a disciplina de Sociologia na escola. Considerando o fato de que os professores tendem a atribuir diferentes funções aos livros didáticos no exercício das atividades de ensino e aprendizagem, as quais eles planejam e executam, argumenta-se que a frequência com que utilizam e a forma com que instrumentalizam os livros didáticos de Sociologia em sala de aula, tendem a variar em função da sua formação de origem e a concepção de currículo que escolhem, planejam e aplicam nessa disciplina. Como se vê, o presente estudo não pretende discutir a natureza pedagógica e o escopo ideológico, a qualidade do conteúdo, nem mesmo a importância ideal ou o papel simbólico do livro didático para o ensino da Sociologia – embora essas sejam questões que foram referidas nas razões pelo uso ou não uso do livro pelos professores entrevistados – mas sim o seu uso “real” e efetivo, em termos de frequência e de forma, por parte dos professores em atuação na escola e a partir de seu perfil profissional docente e escolhas metodológicas.

O presente estudo mobiliza dados inéditos de pesquisa que deu origem a um estudo anterior (MOCELIN, 2021), sobre as formas que assume o “currículo usual” desenvolvido e praticado por 54 professores que ministravam a disciplina de Sociologia, em escolas de Porto Alegre, agora, com foco na relevância dos livros didáticos para esses professores, seguindo a sua formação de origem e a concepção de currículo que possuem e aplicam. A pesquisa toma por base empírica entrevistas realizadas com 54 professores que lecionam a disciplina Sociologia, em 47 escolas de Porto Alegre. Destes, 46 professores são lotados em escolas públicas e oito em escolas privadas; com idade média de 40 anos, 30 mulheres e 24 homens, 28 licenciados em Ciências Sociais e 26 em outras áreas (12 em Filosofia, 6 em História, 5 em Geografia, 2 em Pedagogia e 1 em Teologia). Foram coletados depoimentos obtidos em resposta a um roteiro semi-diretivo, bem como os programas de ensino elaborados por esses professores, tendo em vista observar o planejamento e a natureza dos conteúdos selecionados e das metodologias de ensino empregadas nos currículos, além de outras questões específicas, entre as quais se destaca o uso e a importância do livro didático em seus planejamentos e atividades de ensino.

Em termos operacionais, a pesquisa propôs identificar como os professores entrevistados se apropriam dos livros didáticos em suas práticas de ensino, nas escolas gaúchas. Foram observados, então, a ocorrência e o efeito da variável formado/não formado em Ciências Sociais e concepção de planejamento de ensino aplicado nas aulas de Sociologia (MOCELIN, 2021), sobre a variável forma de uso (ou não uso) do livro didático. A categorização interna dessa última variável, tomada no presente estudo como dependente em relação às duas anteriormente mencionadas, foi construída indutivamente, a partir da análise de conteúdo da resposta à questão “Você utiliza algum livro didático? Acha importante utilizar nas aulas, com os alunos, por quê?”, do roteiro de entrevistas.

APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO

É possível constar situações diversas na forma como o livro didático é instrumentalizado na escola, sobretudo na disciplina de Sociologia. Existem casos em que o livro didático é simplesmente

ignorado e não utilizado; em outros, é apresentado como material de consulta para que os alunos realizem “pesquisa”; algumas vezes, serve ao uso do próprio professor, que o toma como seu próprio guia de estudo e planejamento; outras vezes, o livro é “repartido”, ou seja, usado pelos professores apenas para cobrir conteúdos aos quais querem dar maior ênfase ou que não têm maior domínio. Essa variedade de usos não é novidade, posto que diversos outros estudos já evidenciaram que os livros didáticos exercem diferentes funções em sala de aula (MAÇAIRA, 2020), a depender das condições de trabalho e da própria trajetória acadêmica e profissional do docente (HANDFAS, 2016). De fato, são poucas as vezes que se pode observar o uso do livro didático como recurso integrado e suporte contínuo aplicado à prática de ensino da Sociologia, em sala de aula.

Em estudo que antecede ao presente (MOCELIN, 2021), constatou-se que a forma como os professores concebem o currículo da Sociologia e planejam suas atividades pedagógicas e a capacidade que eles possuem de mobilizar, acessar e usar recursos didáticos disponíveis é diretamente proporcional à compreensão que têm dos referenciais e orientações curriculares. Nesse sentido, a frequência e a forma de uso dos livros didáticos foram analisadas no presente estudo com base em três concepções com que se expressaram o planejamento do “currículo usual” aplicado pelos professores entrevistados.

No referido estudo, Mocelin (2021) descreveu o “currículo pragmático” como aquele que visa o desenvolvimento de hábitos intelectuais típicos das Ciências Sociais (IANNI, 2011; LAHIRE, 2014), mobilizando como metodologia de ensino a conexão entre teorias, conceitos e temas e acionando a pesquisa na escola como prática pedagógica capaz de evitar o tratamento superficial de um problema social (MORAES, 2020), sendo o currículo mais aplicado por licenciados em Ciências Sociais e pelos que possuem melhor entendimento das orientações curriculares da área. Por sua vez, o “currículo enciclopédico” consiste no estudo e mapeamento de conceitos fundamentais, tendo por metodologia a contextualização de teorias e de autores e suas biografias, estando embasado na promoção da linguagem sociológica, a fim de suprir demandas de processos seletivos como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e vestibulares, sendo aplicado por professores com e sem formação

específica. Já o “currículo espontaneísta” ocorre quando a abordagem pedagógica está direcionada para o debate sobre atualidades e problemas sociais contemporâneos, adotando como recurso didático matérias de jornal e rodas de conversa, onde os alunos podem expressar suas opiniões sobre assuntos “de interesse” ou “polêmicos”, sem maior tratamento de teorias ou conceitos sociológicos, sendo esse o tipo de planejamento menos aplicado por licenciados em Ciências Sociais e, inversamente, o mais aplicado por professores sem formação específica.

Sobre essas concepções de currículo aplicadas pelos professores de Porto Alegre, o “currículo pragmático” é praticado por 48% dos professores que ministram a disciplina Sociologia, sendo 67,8% pelos licenciados em Ciências Sociais, mas também por 26,9% dos professores formados em outras áreas; o “currículo enciclopédico” é aplicado por 28% dos professores e o “espontaneísta” por 24%, sendo que nesse último tipo, 77% dos professores não possuem formação específica (MOCELIN, 2021). Nesse sentido, os professores que tomam contato e compreendem os princípios das diretrizes curriculares de área, independente de sua área de formação, possuem uma visão mais perspicaz da finalidade educacional do ensino de Sociologia na escola, tanto que poucos conceberam as aulas de Sociologia como um espaço para contar a história do conhecimento sociológico ou como uma sessão para ouvir a opinião dos alunos sobre suas pautas, atualidades ou temas polêmicos (MOCELIN, 2021).

Um ponto de ancoragem importante na definição dessas concepções se encontra nas OCEM-Sociologia (BRASIL, 2006), que claramente tinham como desafio propor um modelo pedagógico alternativo à mera transposição dos conteúdos acadêmicos das Ciências Sociais para o ensino no nível médio, garantindo a devida adequação das teorias, conceitos e temas à linguagem escolar e aos objetivos escolares. Não caberia na disciplina de Sociologia aplicada na escola criar um “currículo enciclopédico”, tanto quanto um “currículo politizado” ou tão pouco executar um “currículo espontaneísta”. A ideia era evitar que a Sociologia escolar ficasse centrada no ensino de teorias e autores, reproduzindo um ensino bacharelesco, bem como que fosse banalizada como um conjunto de aulas baseadas na mera manifestação de opiniões dos alunos, uma “Sociologia” espontânea.

O próprio livro didático assume, nesse panorama, papel importante de legitimação do ensino da Sociologia na escola. Não que necessariamente precisasse ser sempre utilizado e aplicado pelos professores em todas as aulas, mas certamente servindo como uma ferramenta didática potencializadora, fundada nos princípios científicos e conceituais intrínsecos ao legado das Ciências Sociais. Os livros didáticos de Sociologia são avaliados e aprovados por comissões especializadas, com base em critérios que tomam em consideração princípios formativos presentes nas OCEM e em consonância com as experiências de ensino praticadas e promissoras, no que se refere à qualidade do ensino na área. Conforme alertamos recentemente, é preciso lembrar que os professores são “agentes participantes de um campo disciplinar específico, imersos, portanto, em instituições e diretrizes constitutivas, que não apenas os constroem, mas lhes fornecem um contexto para agir” (MOCELIN, 2021, p.85-86). Dessa forma, deve-se reconhecer que os livros didáticos são recursos típicos do campo da Sociologia escolar (MOCELIN, 2020), que demarcam conteúdos do legado científico das Ciências Sociais, legitimam a disciplina na escola, carregam a marca dessa área de ensino e favorecem sua aplicabilidade educacional. Nesse sentido, e em razão disso, se espera que os professores que praticam a Sociologia escolar tenham o livro didático como um recurso aliado as suas atividades pedagógicas, movimento que parece ser diretamente proporcional à imersão dos professores no campo e à compreensão que possuem da finalidade escolar da Sociologia.

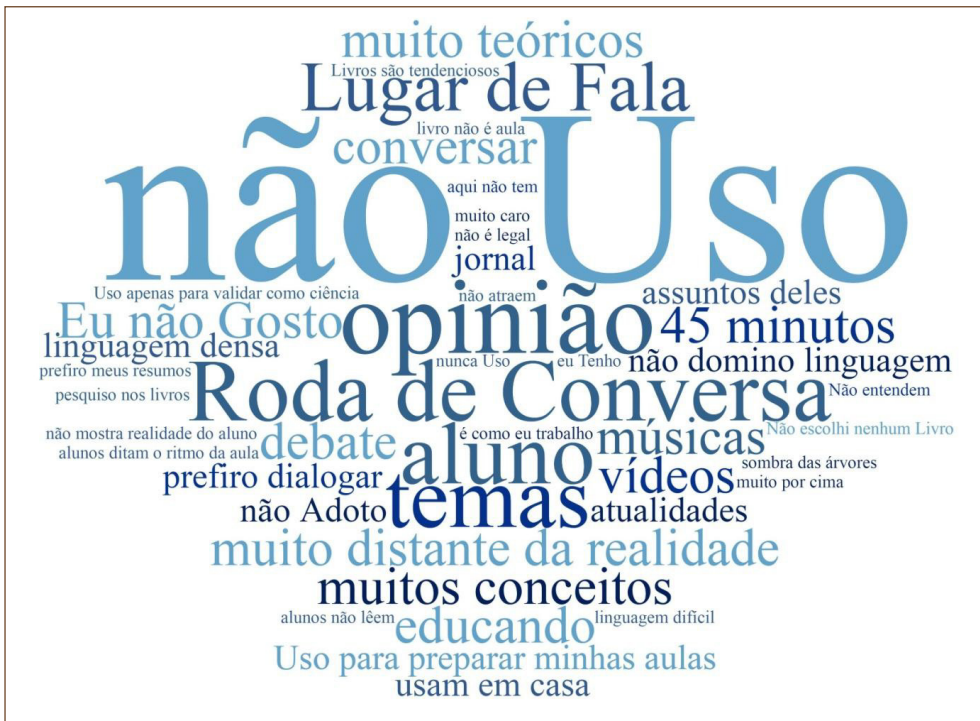
A hipótese que orientou o presente estudo tomou por base que a formação dos professores em Ciências Sociais é determinante para que ocorram formas mais qualificadas de uso do livro didático, nas práticas de ensino da Sociologia na escola. Ou seja, a formação específica do professor amplia o reconhecimento que ele faz da importância do livro didático e lhe proporciona o domínio de seu uso, estimulando a adoção do livro como recurso pedagógico aplicável. Quanto mais o planejamento de ensino do professor se aproximar de uma “concepção pragmática”, mais recorrente seria o uso do livro didático e mais esse uso estaria sintonizado com uma aplicação embasada em sala de aula.

O USO E O NÃO USO DO LIVRO DIDÁTICO PELOS PROFESSORES

É muito importante buscar mapear a forma como os livros didáticos são utilizados pelos professores que ministram a disciplina de Sociologia na escola, da mesma forma que é preciso saber as razões de seu não uso nas aulas. Usar ou não usar o livro didático junto aos alunos é uma opção metodológica do professor, a partir do momento em que se reconhece que o professor é o agente que concebe o “currículo real” praticado na escola e o responsável por aplicá-lo, diante de condições que avalia. Cabe esclarecer a classificação utilizada no presente estudo: quando o professor “usa” o livro didático, significa que ele adota esse recurso no seu planejamento para uso junto aos alunos, podendo variar a forma e a frequência com que mobiliza o livro didático como recurso pedagógico; quando o professor “não usa” o livro didático, significa que ele não adota de forma alguma esse recurso junto aos alunos, podendo ocasionalmente utilizar o livro para o seu próprio estudo ou planejamento das aulas.

No que se refere à opção de não usar o livro didático nas aulas, em atividades junto aos alunos, constata-se que os professores das escolas de Porto Alegre apresentam razões relacionadas especialmente a três aspectos, que, como se pôde observar pela técnica de nuvem de palavras (Figura 1), são justificáveis, porém, algumas vezes, questionáveis e ambivalentes. O primeiro aspecto destacado nas entrevistas pelos professores que não usam o livro didático diz respeito à avaliação que eles fazem das obras disponíveis, tomando por base a percepção que eles têm sobre a receptividade dos alunos em relação aos livros. Nesse quesito, os livros são avaliados como recursos didáticos distantes da realidade do aluno, de linguagem densa e difícil e demasiadamente teóricos, por isso, acabam sendo qualificados como não sendo muito adequados para uso em sala de aula, sendo mais indicados para que os alunos mais interessados em aprofundar debates os usem autonomamente para estudar em casa.

Figura 1 – Razões sobre o não uso de livros didáticos de Sociologia na disciplina segundo os professores entrevistados.



Fonte: Elaborado pelo autor, com base na pesquisa empírica. (N = 14/54).

Esse primeiro aspecto, em que os entrevistados qualificaram os livros didáticos como recursos muito teóricos para os alunos, acaba corroborando com o segundo, que diz respeito às preferências metodológicas desses professores. Percebe-se convergência entre a avaliação de que os livros didáticos são demasiado acadêmicos e a incompatibilidade com metodologias de ensino mais centradas na fala e na escuta do aluno, adotadas pelos professores. Os professores que não adotam o livro didático demonstram maior preferência por metodologias ancoradas em debates realizados a partir de temas atuais e de assuntos de interesse levantados pelos próprios educandos, e que são trabalhados em rodas de conversas, onde as opiniões dos alunos são expressas, manifestas e trabalhadas coletivamente. Curiosamente, alguns dos professores que não usam livro didático os

compararam a apostilas e demonstraram certo preconceito com esse tipo de recurso, ao qualificá-los como “limitados” e “tendenciosos”.

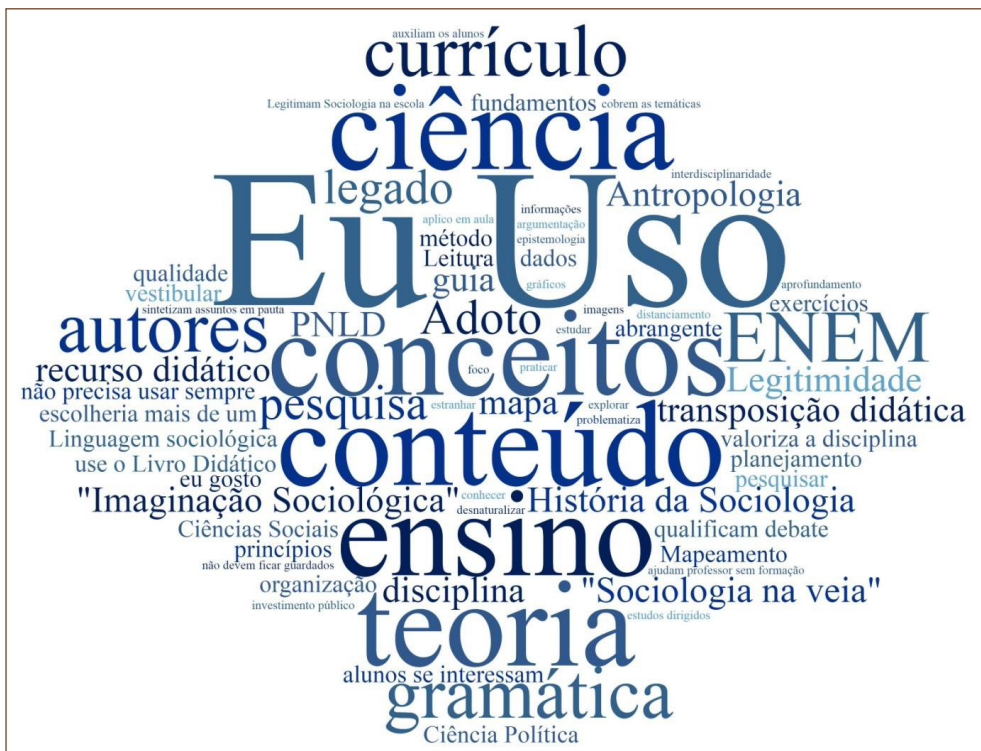
O terceiro aspecto destacado pelos professores que não usam o livro didático nas aulas junto aos alunos diz respeito às condições de trabalho e de ensino. Foram feitas referências ao alto custo dos livros, à indisponibilidade dos mesmos na escola, à dificuldade dos alunos entenderem a linguagem dos livros, e à impossibilidade de trabalhar com teorias, autores e conceitos em 45 minutos de aula. Alguns professores referiram ainda que acabam eles mesmos adotando o livro didático para uso próprio e como subsídio para pensar algumas aulas, preferindo mobilizar outros recursos didáticos nas aulas, tais como conversas, músicas, matérias de jornal e vídeos. Percebe-se ainda alguma ambivalência nas razões levantadas pelos professores, por não utilizarem os livros didáticos, posto que alguns dos entrevistados afirmaram não usar os livros por serem muito densos e eles mesmos terem dificuldade em compreender a linguagem, enquanto que outros fizeram pouco caso dos livros, dizendo que engessam as aulas e que são superficiais para a prática de ensino, preferindo os seus próprios resumos de conteúdo. Chama a atenção ainda que alguns professores frisaram o desinteresse dos alunos pela leitura – os livros didáticos teriam excesso de texto, e que, portanto, acabam relegando o ritmo das aulas aos próprios alunos, o que lhes faz optar por debates mais livres em rodas de conversas pautadas por assuntos de interesse da turma.

Já no que se refere à opção de usar o livro didático nas aulas, em atividades junto aos alunos, a nuvem de palavras (Figura 2), construída a partir das entrevistas, é visivelmente mais densa em conteúdo do que a dos professores que não usam o livro didático. Ao se observar o diagrama, constata-se que os 54 professores de escolas de Porto Alegre apresentam razões relacionadas especialmente a dois aspectos. O primeiro diz respeito às vantagens e possibilidades da aplicabilidade do livro didático nas aulas. O segundo aspecto diz respeito à importância do livro para a própria qualificação do ensino escolar da Sociologia.

Sobre as vantagens e possibilidades da aplicabilidade do livro para as aulas, os professores que afirmaram usar o livro didático fazem referência à importância desse recurso para legitimar a Sociologia como ciência, reforçando a presença curricular da disciplina. Os

professores destacam que os livros didáticos de Sociologia mapeiam e organizam conteúdos, cobrindo muitas temáticas, conceitos e teorias, da Sociologia, Antropologia e Ciência Política. O livro didático constituir-se-ia como uma espécie de “gramática”, que proporciona o acesso dos educandos a uma linguagem sociológica precisa. Mesmo que eles avaliem não precisar que os livros sejam utilizados em todas as aulas, é importante que sejam mobilizados e manipulados pelos alunos em seus estudos, pois ajudam os educandos na apropriação de questões conceituais e compreensão de problemas sociais, com os quais precisam lidar no seu cotidiano e que podem ser pauta de concursos vestibulares e do ENEM.

Figura 2 – Razões sobre o uso de livros didáticos de Sociologia na disciplina segundo os professores entrevistados.



Fonte: Elaborado pelo autor, com base na pesquisa empírica. (N = 40/54).

Sobre a importância do livro didático para a qualidade do ensino da Sociologia, os professores deixaram claro, nas entrevistas

concedidas, que os livros são recursos didáticos muito bem elaborados, de grande qualidade e que estão disponíveis, que trazem muitos conceitos, dados e informações úteis ao estudo de temas e à preparação para a prática da pesquisa na escola. Não se justificaria, portanto, que os livros ficassem guardados na escola e abandonados pelos professores, afinal são recursos valiosos para as atividades de ensino, além de fruto de investimento público, no caso das escolas da rede estadual e federal, ou das famílias, no caso das escolas da rede privada.

Esses professores afirmam adotar o livro nas aulas não apenas porque gostam dos livros, mas porque são recursos aplicáveis, atualizados, abrangentes e necessários para apresentar aos alunos a história e o legado das Ciências Sociais, ajudando a traduzir esse campo científico em disciplina escolar. A avaliação positiva que os professores fazem do uso do livro didático nas aulas e junto aos alunos corrobora com a observação destacada por Melo (2017) de que os manuais de Sociologia têm um sentido predominantemente formativo, com linguagem ancorada em conhecimento especializado e indispensável ao questionamento, à desnaturalização e à capacidade de relacionar fenômenos sociais em nível micro e macro. Nesse sentido, é muito interessante destacar a referência constante nas entrevistas ao apoio que os livros dão no exercício de “imaginação sociológica” (MILLS, 1965), propondo práticas de associação entre a biografia e o contexto. Os professores que aplicam os livros elogiam os movimentos de transposição didática presentes na diagramação, nas atividades, nas indicações de outros recursos e nos exercícios elaborados pelos autores dos livros e avaliam que os educandos demonstram interesse pelo material. Os livros didáticos de Sociologia ainda são referidos pelos professores que os usam como importantes para ajudar na imersão disciplinar dos professores sem formação específica e no seu próprio planejamento.

Entre os professores entrevistados na pesquisa, o livro didático é utilizado como recurso aplicado na disciplina de Sociologia por 74% (40/54). Apenas 14 dos 54 professores ouvidos no estudo afirmaram não fazer algum tipo de uso do livro didático com os educandos, em pelo menos algumas aulas. Por si mesmo, e considerando os limites da representatividade dessa amostra, esse já é um dato relevante, de certa forma positivo, uma vez que indica que o livro didático tem sido

usualmente mobilizado pelos professores que ministram Sociologia em Porto Alegre, embora de diferentes formas e em variação em parte relativa à formação dos professores da disciplina.

USOS DOS LIVROS DIDÁTICOS POR FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Não é nenhuma novidade dizer que a disciplina de Sociologia na escola é ministrada não apenas por professores licenciados na área. A pesquisa que este estudo toma por referência, realizada com 54 professores responsáveis pela disciplina em escolas de Porto Alegre, indica leve predominância dos licenciados na área (28/54) sobre os não licenciados (26/54). Uma assertiva que poderia ser levantada é que os professores não formados na área

utilizariam mais os livros didáticos como apoio nas aulas do que aqueles professores que possuem a formação específica, uma vez que poderiam utilizá-los para compensar seu suposto déficit pedagógico para ministrar a disciplina. Essa assertiva não encontra lastro empírico significativo na pesquisa realizada. O que se observou por meio da amostragem é que o livro didático de Sociologia é mais utilizado junto aos alunos em aulas por professores licenciados em Ciências Sociais (Tabela 1).

Tabela 1 – Forma de uso (ou não uso) do livro didático junto aos educandos nas aulas segundo a formação dos professores.

Formas de uso do livro didático	Licenciatura		Total
	Ciências Sociais	Outras áreas	
Não usa	3	11	14
- Consulta para preparar aulas	2	4	6
- Livros são limitados e densos	1	5	6
- Não domina linguagem do livro	-	2	2
Usa	25	15	40
- Pesquisa dos alunos	5	11	16
- Aplicado às aulas	11	3	14
- Planejamento e estudos dirigidos	9	1	10
Total	28	26	54

Fonte: Elaborado pelo autor, com base na pesquisa empírica.

Entre os 28 professores da disciplina de Sociologia licenciados na área, 25 deles utilizam o livro didático e apenas três professores afirmam não adotá-los como recurso pedagógico de aula. Essa condição é diversa quando considerados os professores sem formação específica. Nesse caso, constatou-se que dos 26 professores da disciplina 15 utilizam o livro didático e 11 não o adotam como recurso junto aos alunos nas aulas. Esse resultado parece corroborar com parte de nossa hipótese de pesquisa, considerando o fato dos professores licenciados em Ciências Sociais terem maior domínio dos princípios pedagógicos e da linguagem sociológica e, portanto, fariam uso mais frequente do livro didático.

No que se refere ao “não uso” do livro didático, destacam-se três categorias de respostas. A mais referida (6/14) foi a de “consulta para preparar aulas”, que indica o não uso dos livros didáticos de Sociologia junto aos educandos, mas o uso pelo próprio professor para fundamentar as suas aulas. Dois desses professores inclusive afirmaram que preferem mesclar os conteúdos dos livros e elaborar a sua própria apostila de ensino. Poder-se-ia dizer que esse seria um uso, mas optou-se por classificar como não uso, uma vez que o livro didático é indicado para atividades de ensino realizadas pelos alunos, o que é esperado, a partir do momento em que o livro didático tem os educandos como público-alvo prioritário.

Na mesma medida (6/14) de “não uso” do livro didático destaca-se a categoria “livros são limitados e densos”, em que os professores entrevistados avaliariam que os livros utilizam linguagem demasiadamente acadêmica, muito distante da realidade dos alunos e com textos muito longos, dificultando o seu uso, porque os alunos não gostam de ler textos longos e quando os leem, não compreendem. Essa condição foi apontada por cinco professores sem formação específica e, inclusive, por um professor formado em Ciências Sociais. Outra categoria que justifica o não uso do livro didático revelou a dificuldade do professor em com o domínio da linguagem sociológica, o que levou dois deles a não adotar o livro didático nas aulas de Sociologia no ensino médio.

No que se refere ao “uso” do livro didático, também se destacaram três categorias de respostas. A mais referida (16/40) foi para “pesquisa dos alunos”, quando os professores afirmam adotar o livro como um manual de consulta conceitual e temática junto aos

educandos. Destaca-se que de 16 professores que fazem esse uso do livro, apenas cinco possuem formação específica, e 11 não são licenciados na área. Não é necessário argumentar amplamente, mas sabe-se que, com base nas experiências de ensino consolidadas e nas OCEM-Sociologia (Brasil, 2006), a pesquisa a ser realizada nas aulas de Sociologia na escola não tem essa natureza; ou seja, o livro didático não é fonte de pesquisa escolar. A segunda categoria mais referida diz respeito ao livro didático “aplicado às aulas” (14/40). Aqui foi possível observar o uso que seria o mais apropriado do livro didático de Sociologia, quando os professores explicam a adoção do livro para subsidiar teórica e conceitualmente os debates temáticos a serem promovidos em aula, despertando a curiosidade dos educandos para examinar cientificamente, pelo olhar da disciplina, os problemas sociais. Essa forma de uso destacou-se entre 11 professores licenciados em Ciências Sociais e apenas três sem formação específica na área, mas que dominam os referenciais curriculares da área.

Uma terceira categoria de uso adequado do livro didático, destacada por nove professores com formação específica e um não licenciado na área, foi o “planejamento e estudos dirigidos”. Esses professores relatam utilizar diversos tipos de recursos didáticos nas aulas de Sociologia e reconhecem a qualidade dos livros didáticos disponíveis para a disciplina, mas preferem não fazer um uso rotineiro do livro. A opção é utilizá-los para organizar o seu planejamento de ensino e fortalecer a legitimidade da área, aplicando-os como suporte para a problematização de algumas temáticas e para exercitar a apropriação de teorias e conceitos pelos educandos. Esses professores relatam que a forma como os livros são organizados os ajudam muito na elaboração de estratégias de ensino, especialmente ao tratar de problemáticas mais sensíveis, dado o cuidado que os autores dos livros têm em sistematizar tais conteúdos.

USOS DOS LIVROS DIDÁTICOS POR TIPO DE CURRÍCULO APLICADO

Se a formação do professor que ministra a disciplina de Sociologia na escola permite observar variações na frequência e na forma de uso do livro didático, essa também varia quando se observa

o tipo de concepção pedagógica adotada pelos professores (Tabela 2). Ao recorrer à caracterização do “currículo usual” concebido na disciplina Sociologia por esses 54 professores entrevistados, conforme tipologia definida anteriormente, com base em Mocelin (2021), constata-se que o livro didático é mais usado em sala de aula junto aos alunos pelos professores que adotam concepção pedagógica de tipo pragmática (92,3%) e enciclopédica (86,6%). Apenas dois de 26 professores que concebem um currículo pragmático afirmam não utilizar livro didático, por considerá-los densos demais para os alunos, e dois de 15 professores concebem um currículo enciclopédico afirmam não utilizar, embora estes consultem os livros para preparar as suas aulas.

Tabela 2 – Forma de uso (ou não uso) do livro didático junto aos educandos nas aulas segundo a caracterização do “currículo usual” concebido na disciplina Sociologia.

Formas de uso do livro didático	Currículo concebido			Total
	Pragmático	Enciclopédico	Espontaneísta	
Não usa	2	2	10	14
- Consulta para preparar aulas	-	2	4	6
- Livros são limitados e densos	2	-	4	6
- Não domina linguagem do livro	-	-	2	2
Usa	24	13	3	40
- Pesquisa dos alunos	6	8	2	16
- Aplicado às aulas	11	3	-	14
- Planejamento e estudos dirigidos	7	2	1	10
Total	26	15	13	54

Fonte: Elaborado pelo autor, com base na pesquisa empírica.

No que se refere à prática de um currículo espontaneísta pelo professor, a relação é inversa em relação aos dois tipos mencionados acima, ou seja, a maior parte dos professores (76,9%) afirmou não usar o livro didático para as aulas junto aos alunos. Desses, três de 13 professores que não usam livro didático em aula junto aos alunos os indicam exclusivamente para que os alunos façam pesquisa (2/13) e para o estudo dirigido de alunos que queiram individualmente aprofundar algum tema (1/13).

Entre os professores que afirmaram usar o livro didático se constatou que 14 de 40 usam os livros aplicados continuamente às aulas e junto aos alunos, embora não em todas as aulas, mas naquelas mais de cunho teórico e conceitual. Essa categoria de uso é observada com maior frequência entre os professores que adotam o currículo pragmático, seguidos dos professores que adotam o currículo enciclopédico, não tendo sido referida, como era esperado, por professores que adotam o currículo espontaneísta. Os professores que adotam o currículo enciclopédico preferem utilizar os livros didáticos para que os alunos realizem pesquisa nos livros (8/15). Essa não é exatamente a natureza da prática da pesquisa escolar que se almeja para as aulas de Sociologia no ensino médio. Porém, essa pesquisa bibliográfica condiz com uma concepção de currículo enciclopédico, mais baseado no estudo da história das Ciências Sociais e de teorias, conceitos, autores e temas da Sociologia, Antropologia e Ciência Política.

Deve-se considerar que existe uma correlação positiva entre as variáveis “formação inicial dos professores (licenciados/não licenciados em Ciências Sociais)” e “tipo de concepção pedagógica concebida no currículo aplicado pelo professor (pragmático, enciclopédico e espontaneísta)”, conforme apontado no estudo preliminar (MOCELIN, 2021), que explorou grande parte dos dados da pesquisa empírica também mobilizada no presente estudo. De toda forma, cabe também destacar que, mesmo havendo uma tendência, nem todos os professores licenciados em Ciências Sociais adotam um currículo pragmático, assim como nem todos os professores sem formação específica adotam o currículo espontaneísta. Então, afirmar que os professores não licenciados usam mais o livro didático em sala de aula junto aos alunos, para compensar sua falta de especialidade na área, ou que os professores com formação específica usam os livros, mas acabam optando por outras metodologias mais ativas e centradas no aluno, são observações limitadas e superficiais.

No caso da amostra observada na presente pesquisa, os professores que mais usam os livros didáticos junto aos alunos e os aplicam em aula são aqueles que adotam uma concepção pragmática de currículo na disciplina de Sociologia no ensino médio, independente da sua formação ser ou não na área, embora o livro também seja mobilizado pelos professores que concebem o currículo de forma

enciclopédica, mesmo que a formação inicial dos professores que ministram aulas de Sociologia no ensino médio atue como variável interveniente nessa relação. Os dados empíricos da presente pesquisa não corroboram com a especulação de certos críticos do livro didático, conforme destacado por Munakata (2012), de que os livros didáticos servem como muletas para professores mal preparados. Pelo contrário, as evidências da presente pesquisa revelam que os professores mais qualificados são os que efetivamente fazem o melhor uso do livro didático junto aos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível observar por meio da pesquisa empírica que a frequência e a forma do uso do livro didático variam conforme a formação de origem dos professores e o tipo de currículo que aplicam na escola. Essa constatação ocorre por tendência, não necessariamente por unanimidade, dentro dos grupos observados. A maior frequência de uso e a maior centralidade do livro didático, no que se refere ao escopo do planejamento pedagógico que os professores elaboram para preparar as suas aulas, ocorrem entre aqueles não formados na área e entre aqueles adeptos do “currículo academicista”, voltado ao ensino de conceitos e preocupados com o domínio da linguagem sociológica, por parte dos alunos.

Já o maior uso do livro didático de Sociologia junto aos educandos nas aulas ocorre pelos professores com formação específica e que adotam os currículos de tipo “pragmático” e “academicista”. Entre os que adotam o “currículo pragmático” o livro é aplicado como recurso dinâmico de apoio às aulas, destacando sua importância e relevância para apresentar teorias, manipular conceitos e aprofundar temas, mas não o tomam rotineiramente, como uma apostila de aula. Não se trata, portanto, do mero uso do livro didático junto aos alunos, mas de sua aplicação didática às aulas. Nesse sentido, demonstram estar atentos para não “engessar” os conteúdos, preocupados com uma Sociologia mais prática e útil na escola, e não com sua reprodução bacharelesca. O livro didático seve mais como um guia pelas Ciências Sociais, mapeado caminhos por onde os educandos podem explorar novos conhecimentos e desenvolver

plenamente “habilidades e hábitos intelectuais” típicos das Ciências Sociais.

Constatou-se também que são os professores que concebem e aplicam uma concepção de “currículo espontaneísta” que efetivamente dão menor relevância ao livro didático, não o usam em aulas ou fazem menor uso do mesmo, inclusive alguns os menosprezam como recurso pedagógico, argumentando haver descompasso entre a linguagem desses manuais e a realidade do aluno; e quando os utilizam, os adotam como material para seu próprio estudo e preparação de suas aulas. Não se pode, contudo, dizer, que tais professores não estejam empenhados em desenvolver “habilidades e hábitos intelectuais” juntos aos alunos, apenas se evidencia que não têm os livros didáticos da área como aliados nesse processo.

Pode-se afirmar que a hipótese que orientou o presente estudo e que tomou por base que a formação específica dos professores na área é determinante para que ocorram formas mais qualificadas de uso do livro didático, nas práticas de ensino da Sociologia na escola, foi quase que integralmente aceita. No que se refere a essa assertiva em especial, destaca-se, contudo, que não se pode negar que há professores não formados na área que também fazem uso adequado e aplicação embasada do livro didático nas aulas de Sociologia, mesmo que em uma proporção significativamente menor. De toda forma, os dados da pesquisa indicam que outras variáveis intervêm nessa relação, aspectos que merecem atenção.

Embora a pesquisa tenha demonstrado que a formação específica do professor em Ciências Sociais amplia o reconhecimento que ele faz da importância do livro didático, proporcionando o domínio de seu uso e estimulando a sua adoção como recurso pedagógico aplicável às aulas, junto aos educandos, a pesquisa também permitiu constatar que a concepção pedagógica de currículo adotada pelo professor tem impacto ainda maior sobre a frequência e o uso embasado do livro didático em aula. Assim, não se trataria exclusivamente de formação específica em Ciências Sociais, mas da forma como o professor concebe e planeja pedagogicamente o currículo, em sintonia com as diretrizes e referenciais curriculares consagrados na área, que ampliaria a frequência do uso do livro didático e que melhor promoveria a aplicação do livro nas aulas de Sociologia no ensino médio.

Por fim, cabe destacar que os livros didáticos estão sendo mais utilizados nas aulas de Sociologia junto aos alunos, sobretudo, pelos professores com formação específica nas Ciências Sociais e que concebem e aplicam uma concepção de currículo de tipo pragmática. Mesmo considerando o limitado alcance da amostra mobilizada na pesquisa, em termos de volume e espaço, os achados do estudo provocam novos questionamentos, a serem explorados em pesquisa de maior escala e amplitude. Um fato a ser explorado se sustenta na constatação preliminar de que quanto mais imerso no campo e qualificado é o professor, mais o livro didático aparece como aliado no desenvolvimento das atividades pedagógicas e na qualidade do ensino. Considerando que professores desse perfil, por suposto melhor preparados para ministrar a Sociologia na escola, são os que efetivamente estão reconhecendo a importância do uso do livro didático nas aulas e junto aos educandos, então, não se pode menosprezar a qualidade que as obras didáticas de Sociologia vinham até então atingindo, superando qualquer especulação de que esses manuais não passariam de produtos alinhados a algum discurso político e ideológico ou de mercadorias ou enlatados desprezíveis, que viriam a ser mais acionados por professores desenraizados do campo, não licenciados na área e menos imersos. Outro fato a ser mais bem investigado é em que medida e por que ainda existe certo preconceito com o livro didático por parte de professores, especialmente entre aqueles que concebem e planejam o currículo de forma mais espontânea, haja vista que, em tempos de ataques à ciência e à Sociologia, esse recurso pode ocupar papel de destaque em nossa defesa.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio:** Ciências Humanas e suas tecnologias. Coordenando por Amaury Cesar Moraes, Nelson Dácio Tomazi e Elisabeth da Fonseca Guimarães. Brasília: Ministério da Educação/SEB/MEC/DPEM, 2006.

HANDFAS, A. O que temos pesquisado sobre os livros didáticos de Sociologia? In: GONÇALVES, D. N.; MOCELIN, D. G.; MEIRELLES, M. (Orgs.). **Rumos da Sociologia no ensino médio:** ENASEB2015, Formação

de professores, PIBID e experiências de ensino. Porto Alegre: Cirkula, 2016. pp. 131-142.

IANNI, O. O ensino das ciências sociais no 1º e 2º graus. Palestra proferida em 1985. **Cad. Cedes**. Campinas, vol. 31, n. 85, p. 327-339, 2011.

LAHIRE, B. Viver e interpretar o mundo social: para que serve o ensino da sociologia? **Revista de Ciências Sociais**. Fortaleza, v. 45, n. 1, pp. 45-61, 2014.

MILLS, C. W. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

MAÇAIRA, J. P. O ensino de Sociologia e o livro didático. In: BRUNETTA, A. A.; BODART, C. N.; CIGALES, M. P (Orgs). **Dicionário do Ensino de Sociologia**. Maceió: Café com Sociologia, 2020. pp. 210-214.

MELO, Valci. Os Livros Didáticos de Sociologia e os Sentidos do Ensino de Ciências Sociais na Educação Básica. **Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais**, vol.1, n.1, p. 109-12, jan./jun., 2017.

MOCELIN, D. G. O currículo pelos professores: práticas de ensino de Sociologia no Ensino Médio em Porto Alegre. **Latitude**, Maceió, v.15, edição especial, p.62-89, 2021.

MOCELIN, D. G. O ensino de Sociologia e o seu campo. In: BRUNETTA, A. A.; BODART, C. N.; CIGALES, M. P (Orgs). **Dicionário do Ensino de Sociologia**. Maceió: Café com Sociologia, 2020. pp. 57-62.

MUNAKATA, K. O livro didático: alguns temas de pesquisa. **Rev. bras. hist. educ.**, Campinas-SP, v. 12, n. 3 (30), p. 179-197, set./dez. 2012.

MORAES, A. C. O ensino da Sociologia e as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM). In: BRUNETTA, A. A.; BODART, C. N.; CIGALES, M. P (Orgs). **Dicionário do Ensino de Sociologia**. Maceió: Café com Sociologia, 2020. pp. 259-264.